

Prospectiva (Frutal).

# O ensino de Geografia pode ser criativo: relato de uma experiência.

Silvia Lima de Paula Gomes.

Cita:

Silvia Lima de Paula Gomes (2016). *O ensino de Geografia pode ser criativo: relato de uma experiência*. Frutal: Prospectiva.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/repositorio.digital.uemg.frutal/60>

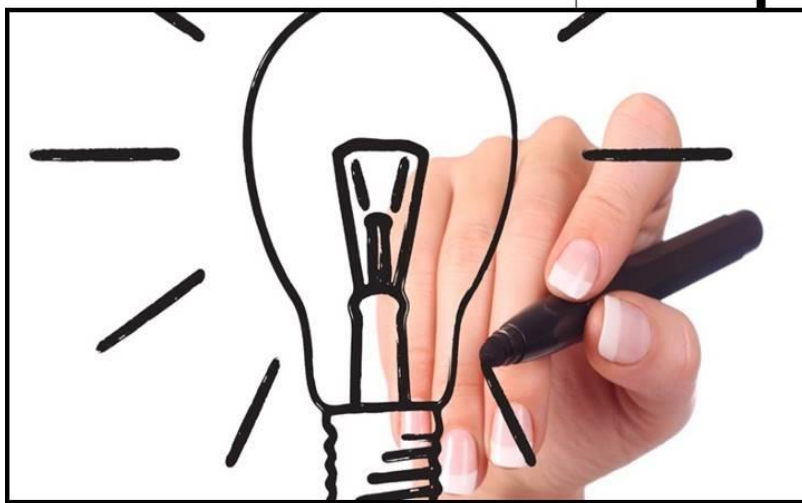
ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/pZsz/d29>



Esta obra está bajo una licencia de Creative Commons.  
Para ver una copia de esta licencia, visite  
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/deed.es>.

*Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.*

**Silvia Lima de Paula Gomes**



**O ensino de geografia pode ser criativo:  
relato de uma experiência**



**Silvia Lima de Paula Gomes**

**O ensino de geografia pode ser criativo:  
relato de uma experiência**

**Frutal-MG  
Editora Prospectiva  
2016**

Copyright 2016 by Silvia Lima de Paula Gomes

**Capa:** Editora Prospectiva

**Foto de capa:** Internet

**Capa:** Jéssica Caetano

**Revisão:** A autora.

**Edição:** Editora Prospectiva

**Editor:** Otávio Luiz Machado

**Assistente de edição:** Jéssica Caetano

**Conselho Editorial:** Antenor Rodrigues Barbosa Jr, Otávio Luiz Machado e Rodrigo Portari.

**Contato da editora:** [editorapropectiva@gmail.com](mailto:editorapropectiva@gmail.com)

**Página:** <https://www.facebook.com/editorapropectiva/>

**Telefone:** (34) 99777-3102

**Correspondência:** Caixa Postal 25 – 38200-000 Frutal-MG

---

GOMES, Silvia Lima de Paula.

O ensino de geografia pode ser criativo: relato de uma experiência.  
Frutal: Prospectiva, 2016.

ISBN: 978-85-5864-059-6

1. Geografia-Ensino. 2. Criatividade. I. Gomes, Silvia Lima de Paula. II. Universidade do Estado de Minas Gerais. III. Título.

## SUMÁRIO

<b>NOTA DO EDITOR.....</b>	<b>05</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>06</b>
<b>1 O PAPEL DA GEOGRAFIA PARA O CONHECIMENTO CRÍTICO DA SOCIEDADE.....</b>	<b>09</b>
<b>2 O CURSO DE LICENCIATURA DA UEMG – CAMPUS DE FRUTAL.....</b>	<b>21</b>
<b>3 O TRABALHO COM MAQUETES NO ENSINO DE GEOGRAFIA: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA.....</b>	<b>37</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>48</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>51</b>
<b>ANEXO.....</b>	<b>56</b>

## **NOTA DO EDITOR**

É com bastante satisfação que trazemos ao público leitor um trabalho super importante para pensarmos questões relacionadas ao ensino de Geografia.

Como trabalho de conclusão do curso de Geografia da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) – Unidade Frutal, contou com a orientação da competente Professora Lucia Elena Pereira Franco Brito.

A versão original impressa poderá ser consultada na Biblioteca da Unidade de Frutal. Estou muito feliz pelos autores contribuírem com a popularização da ciência e a divulgação científica quando nos permitiu publicar o trabalho para torná-lo acessível para consulta gratuitamente na *internet*.

**Professor Otávio Luiz Machado**  
**Editores Prospectiva**

## INTRODUÇÃO

Este trabalho objetiva relatar uma experiência do Estágio Supervisionado do curso de Licenciatura em Geografia, da Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG, Campus de Frutal, com os alunos do 3ºano/2012 do Ensino Médio da Escola Estadual Vicente Macedo, no qual foi desenvolvido um trabalho prático e interdisciplinar de construção de maquetes, sendo produzida uma réplica do núcleo urbano original da cidade de Frutal /MG, entre o século XIX e início do século XX.

A realização do trabalho, por mais que tenha sido organizado fora da carga horária dos alunos, não deixou de ser importante para a efetivação de aprendizagens, pois serviu para que os mesmos pudessem perceber concretamente a ligação entre a realidade vivenciada cotidianamente e o conhecimento escolar.

Além disso, considerando o tão propalado desinteresse dos alunos, foi possível constatar que os adolescentes se envolvem muito com o estudo, quando este apresenta caráter criativo e lúdico, pois muitas vezes os alunos enfrentam grandes dificuldades com as aulas meramente teóricas.

O envolvimento dos discentes deixou claro, inclusive, como a falta de atenção dos governantes deste país para com a educação está criando um prejuízo intelectual para gerações inteiras. A estrutura de ensino tradicional, professores presos a extensas jornadas de trabalho, tentando complementar renda em função dos baixos salários, falta de recursos pedagógicos, e outras coisas mais, fazem com que as aulas tenham sempre o mesmo formato, impedindo que os alunos passem pela descoberta do prazer e da importância de se apropriarem dos conhecimentos historicamente produzidos.

A relevância do trabalho para o grupo de alunos da Escola Estadual Vicente Macedo fez com que a professora Lucia Elena Franco Brito – em cujas aulas realizei o Estágio coordenado pela Prof<sup>a</sup>. Ana Maria Taveira – sugerisse que a experiência fosse convertida em meu Trabalho de Conclusão de Curso, a fim de que outras pessoas pudessem tomar conhecimento dos métodos empregados. Dessa forma, para melhor organizar a explanação, o estudo foi dividido em três capítulos.

O primeiro capítulo discute o que é Geografia e qual a sua importância para o despertar crítico do



aluno, como tal ciência pode contribuir para a formação da cidadania e para a conscientização do indivíduo na construção política do espaço em que o mesmo está inserido, seja esse ambiente urbano seja rural.

O segundo capítulo apresenta a estrutura curricular do Curso de Licenciatura em Geografia da UEMG, campus de Frutal, destacando a importância das disciplinas pedagógicas para a formação docente, sobretudo o Estágio Supervisionado, que coloca os futuros professores em contato com a realidade em que irão atuar profissionalmente.

Considerando a necessidade da adoção de procedimentos pedagógicos criativos, que possibilitem a produção conjunta do conhecimento por alunos e professores, relata-se, no terceiro capítulo, uma experiência de construção de maquetes, durante o Estágio Supervisionado, que retrataram a nucleação urbana original de Frutal.

Espera-se, com este trabalho, contribuir para o fomento de aulas criativas no ensino de Geografia, que levem os alunos a perceberem a si mesmos como permanentes construtores do espaço em que vivem.

## **1- O papel da geografia para o conhecimento crítico da sociedade**

O conhecimento crítico, em geral, contribui de forma fundamental para o pleno desenvolvimento do aluno e, conseqüentemente, para a formação de uma sociedade melhor, constituída por indivíduos esclarecidos e atuantes, capazes de exercer, de fato, sua condição cidadã. A concretização de tal perspectiva requer que os alunos conheçam e compreendam as tramas das práticas sociais, sendo levados a perceber que suas ações, como seres sociais, estão inseridas nessas tramas.

A reflexão sobre a formação do docente crítico e comprometido com essa concepção de educação sinaliza para o fato de que não basta o saber acadêmico para se obter êxito nessa empreitada. Embora o domínio de conteúdo por parte do professor seja realmente necessário, deve-se ir além, procurando correlacionar teoria e prática para que aprendizagens efetivas se consolidem. Assim, “a escola tem condições de estabelecer-se como instrumento que possa apontar para a transformação da realidade” (SANTOS, 2011, p. 2).

Segundo Braga (2009, p. 4) para atingir esse objetivo, é necessário, contudo, que a atuação do professor seja feita no sentido de

Contribuir para o desenvolvimento da autonomia de seus alunos, quando entra em uma sala de aula, deve ser um sujeito aberto às indagações, curiosidade, inibições, questionamentos dos mesmos. Esse professor respeita os saberes dos educando sem, contudo, negligenciar o ensino dos conteúdos, cabendo a ele assumir uma prática rigorosa e crítica: rigorosa no sentido de conhecer e crítica no respeito ao saber ingênuo do aluno que deve ser superado pelo saber produzido através do exercício da curiosidade epistemológica (FREIRE, 1996b).

Os métodos empregados pelo docente devem ser, portanto, ativos, enfatizando, para além da aquisição de conteúdos, o desenvolvimento de novas habilidades e competências nos educandos, indispensáveis para a vivência crítica em sociedade. Conforme Kimura,

[...] o pensamento humano se alimenta e se constrói no contato com o mundo no qual ele exercita a prática, a atividade, o fazer imerso na realidade desse mundo. Nesse pensamento produzido, a pessoa se embebe para suas novas práticas, seus afazeres subseqüentes, que também são referências no desenvolvimento dos pensares [...] o ser humano, sendo efetivamente um ser ativo, relaciona-se com o mundo exterior pela ação, que articula o pensamento e a realidade exterior (KIMURA, 2008 *apud* SANTOS, 2011, p. 4).

Isso demonstra que o professor precisa levar em conta que a produção do conhecimento não pode ser realizada sem o necessário contato com a realidade, pois é da vida que os saberes se alimentam. Levando-se em consideração a experiência prévia de cada pessoa envolvida na construção do conhecimento escolar, o aluno se torna sujeito envolvido, descobrindo-se como permanente (re)construtor da realidade.

Nesse sentido, a Geografia pode se revelar como um campo privilegiado para suscitar nos alunos o interesse pela escola, uma vez que é uma

ciência que tem condição de problematizar o próprio local onde se passa a vida do educando, o espaço de sua vivência cotidiana. Conforme assinalado por Santos,

Na prática docente, tendo a Geografia Crítica como fundamento para o encaminhamento da aula, o professor pode iniciar a construção do conhecimento começando pela observação do campo segundo a compreensão do aluno, quais as imagens do campo que os alunos trazem do seu cotidiano [...] (SANTOS, 2011, p.11).

É importante assinalar que a Geografia é uma disciplina humana, que busca esclarecer as relações espaciais, sociais, ambientais e conflituosas da sociedade. Tornando-se ciência a partir do século XIX, por meio de Kant, Humboldt, Ritter e Ratzel na Alemanha, desse momento em diante, ela veio ganhando o seu espaço, até alcançar os bancos escolares. Como descreve Camargo e Reis Júnior (2007) *apud* Costa e Rocha (2010, p. 29):

[...] somente nos meados do século XIX, na Alemanha, com A. von Humboldt, K. Ritter e F. Ratzel, que ela passou a ter status de ciência, sendo, a partir dessa época, ensinada e praticada nas universidades. Formou-se então uma corrente de pensamento no seio da geografia que ficou conhecida como “escola alemã”, cuja característica central era o fato de ser iminentemente determinista e naturalista (CAMARGO; REIS JÚNIOR, 2007, p. 83).

Quanto às contribuições de Kant, Tanaka (2010, p. 63) salienta que:

[...] Kant atribui à geografia uma nova essência metodológica de agrupamento de “coisas e acontecimentos”, o que podemos chamar de espaço regional, procurando esse método manter certa unidade à ciência geográfica, dando-lhe um método próprio e divergente do pensamento positivista.

Como ciência, a Geografia tem, hoje, a construção e reconstrução do espaço como objeto de estudo. O espaço pode ser produzido e reproduzido

através da necessidade de sobrevivência do homem, sendo ele o maior e principal transformador do mesmo para sua própria existência. A produção espacial pode-se efetivar nas mais variadas escalas geográficas: do local ao mundial, a partir das relações entre os homens. Santos (2011, p. 3) explica que “Segundo Cavalcanti (1993), na atualidade o espaço do homem não se resume somente a sua casa, mas ganha toda uma dimensão, de tal forma que não se pode compreender o Brasil tendo somente os seus limites como balizas”.

Como disciplina escolar, a Geografia passou a adquirir peculiaridades, tornando-se fundamental na vida das pessoas. No decorrer do século XX, foi cada vez mais, apresentando caráter crítico, a partir do desenvolvimento de um conteúdo importante para a sociedade em geral.

Portanto, o ensino dessa ciência nas escolas pode contribuir para que a sociedade seja formada por homens mais instruídos e com um saber geográfico aprimorado, que permita observar, descrever e argumentar sobre acontecimentos em torno do mundo, tais como: assuntos econômicos, políticos, culturais e ambientais.

Como é de domínio público, as escolas brasileiras apresentam, atualmente, um quadro repleto de dificuldades para a atuação docente: professores desmotivados por baixos salários, adoecidos física e psiquicamente pela sobrecarga de trabalho; políticas educacionais impostas; pressão e cobrança por resultados; gestores burocratas e despreparados; falta de recursos pedagógicos apropriados, sensação de fracasso diante de alunos desinteressados e de uma sociedade que não ouve o educador. Nesse contexto de adversidades fora e dentro da escola, a relação ensino-aprendizagem mostra-se, frequentemente, comprometida de antemão, havendo a necessidade de enfrentar, de forma coletiva, toda essa situação, por meio da luta política.

Muitos alunos, ainda hoje, enfrentam dificuldade ou apresentam grande resistência em se familiarizar com a Geografia, pois ainda é muito presente, nas escolas brasileiras, o método tradicional de ensino, no qual o aluno assume postura de mero receptor de um conhecimento pronto e distante de sua realidade.

Nesse cenário, a Geografia é percebida pelos alunos como uma disciplina enfadonha – como, de



resto, a escola em geral –, cujo conteúdo deve ser decorado, de forma tal que se saibam nomes de estados e capitais, características físicas dos países, de forma mecânica, superficial, acrítica e descontextualizada.

De maneira recorrente, em função das condições de trabalho retratadas acima, o professor transforma o livro didático em seu único recurso pedagógico, deixando de lado outros materiais elementares e fundamentais para a formação do aluno como mapas, maquetes, reportagens e artigos publicados em revistas e jornais, etc. O uso das tecnologias da informação e comunicação também ainda não faz parte da rotina escolar, apesar do imenso potencial e apelo que exerce entre os jovens. No caso específico da Geografia, constata-se, lamentavelmente, a ausência do trabalho de campo, tão importante para a compreensão do espaço geográfico.

Quando os professores levam seus alunos a campo, dão lhes a liberdade e a condição de observar melhor os aspectos urbanos, culturais, sociais, econômicos e fisiológicos existentes na paisagem, de forma que o aluno possa construir o seu conhecimento a partir da vivência, da experiência, do

empírico, enfim. Não se trata, evidentemente, de um simples passeio, mas de uma ferramenta pedagógica valiosíssima e imprescindível para a construção do saber geográfico. De acordo com Tomita (1999, p. 15) *apud* Silvia; Alves & Lopes (2008, p. 14),

Não se deve encarar essa atividade como um fim, mas como um meio que tenha o seu prosseguimento ao retornar à sala de aula. Se o objetivo é a melhoria do ensino em Geografia, só há um caminho a seguir pelo professor: não ficar ancorado apenas na acumulação de um saber geográfico do livro didático, sair dos exaustivos discursos, dos questionários sem fundamento, intensificar a comunicação com os alunos, ter a preocupação em atualizar e aperfeiçoar o conhecimento e ter satisfação em experimentar as novas técnicas.

O trabalho de campo sempre será importante para que os alunos, com os olhos atentos no objeto de estudo, compreendam melhor as relações que envolvem os fenômenos físicos e humanos, podendo, inclusive, ressignificar e solidificar o conhecimento que eles já têm em seu cotidiano. Isso possibilita que

o aluno se descubra como um sujeito que constrói e reconstrói o espaço geográfico, ao correlacionar teoria e prática. O trabalho pedagógico torna-se, assim, mais profícuo e interessante, oportunizando a efetiva aprendizagem. Santos (2011, p. 11) ressalta que

Segundo Cavalcanti (1993), com as impressões dos alunos é possível observar os “objetos” existentes no campo e daí promover o estabelecimento com as relações sociais que são travadas no espaço e que o transforma dando-lhe conteúdo e não apenas a forma. Contudo, é a partir da forma fixada na paisagem que podemos entender os mecanismos sociais.

É preciso, assim, saber transformar as aulas em momentos participativos para os alunos, descobrir formas prazerosas de educar, nas quais os educandos possam ser envolvidos com atividades que lhes propiciem a descoberta de seu cotidiano e a renovação do olhar sobre este cotidiano.

Dessa forma, o professor pode no desenrolar de sua prática em sala de aula iniciar o trabalho a partir da realidade do aluno, para posteriormente conduzi-lo a uma aprendizagem mais ampla [...], o aluno deve ter a percepção de sua realidade aguçada no trabalho de construção da educação geográfica, pois, o mesmo desde sua origem constrói relações com o mundo (SANTOS, 2011, p. 9).

De acordo com as reflexões de Almeida & Pereira, deve-se atentar para as possibilidades abertas pela Geografia Crítica:

No PCN, os avanços obtidos com as propostas teóricas e metodológicas da Geografia Crítica e da nova Geografia Humanista, colocando o saber geográfico como algo construído, guardando em si uma intencionalidade que deve ser desvendada, passou a permitir ao professor a possibilidade de um ensino de Geografia em que o aluno pudesse interagir com sua individualidade e criatividade não somente para compreender o mundo, mas também para construir o seu saber sobre esse

mundo, fortalecendo sua auto-estima (ALMEIDA; PEREIRA, 2003, s/p).

A partir da contextualização geográfica torna-se possível explicar todos os aspectos envolvidos na realidade, ligando o conhecimento do aluno ao saber científico para que os estudantes possam dar um passo fundamental na construção de conceitos, da forma que esses sejam esclarecedores e significativos para o salto epistemológico, que configura a aprendizagem efetiva.

A formação na perspectiva da Geografia Crítica – sendo ela um instrumento valioso para as urgentes transformações da educação brasileira – faz com que os alunos possam descobrir, juntamente com seus professores, a importância dos sujeitos sociais na permanente construção e reconstrução socioespacial, resultante da ação e dos interesses que ligam e opõem as pessoas.

## **2 - O CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA DA UEMG – CAMPUS DE FRUTAL**

Neste capítulo, discorreremos sobre a importância do curso de Licenciatura em Geografia, oferecido pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), campus de Frutal, como caminho para possibilitar um amadurecimento teórico e transformações das práticas pedagógicas nas escolas locais.

Com a chegada de uma universidade pública em Frutal – MG, município de 54 mil habitantes, localizado na região do Triângulo Mineiro, na bacia hidrográfica do rio Grande, muitas coisas mudaram na cidade. A presença de alunos, professores e pesquisadores está criando uma cultura universitária, que já começa a se verificar nas práticas sociais, por meio das semanas acadêmicas, projetos de pesquisa e extensão, que fomentam debates e estimulam o desenvolvimento do pensamento crítico.

O início desse processo na cidade ocorreu no ano de 2004, com a abertura do Curso de Administração de Empresas, oferecido pela UEMG, em parceria com a FESF (Fundação do Ensino

Superior de Frutal). O processo de estadualização da UEMG, que liberou os alunos da obrigatoriedade do pagamento de mensalidades, verificou-se em junho de 2007, tornando-se um marco na história da cidade, que lutava há anos pela conquista da educação superior pública e gratuita. No âmbito da pesquisa e do ensino, também deve ser considerada a instalação do HidroEX, ocorrida em 2009. Trata-se de um Centro Internacional de Educação, Capacitação e Pesquisa Aplicada em Águas, sob os auspícios da UNESCO, que também tem atraído estudiosos de outras partes do Brasil e do exterior.

Ao lado disso, outras iniciativas têm resultado no crescimento do município, como o estabelecimento de duas usinas de açúcar e álcool<sup>1</sup>, provocando a transferência de pessoas do campo para a cidade e fomentando também a vinda de pessoas de outras regiões do país em busca de empregos. Constata-se, ainda, no espaço urbano, o surgimento de novos bairros, loteamentos e condomínios.

---

<sup>1</sup>Em 2005, ocorreu a instalação da Usina Frutal, de propriedade do Grupo Moema, de Orindiúva (SP), adquirida, em 2009, pela transnacional BUNGE, com sede em White Plains, estado de Nova York, Estados Unidos. Além da Usina Frutal, passou a operar no município, em 2009, a Usina Cerradão – pertencente a dois grupos ligados ao agronegócio, Queiroz de Queiroz (de Frutal) e o Grupo Pitangueiras.

No que se refere à UEMG, houve, ao longo dos últimos anos, a implantação de novos cursos. Em 2006, foram criados os cursos de Direito (que oferece cem vagas, divididas entre as turmas da manhã e da noite) e Tecnologia em Laticínios, substituído recentemente pelo curso de Tecnologia em Alimentos (cinquenta vagas/noturno). Em 2007, além do curso de Tecnologia em Produção Sucroalcooleira (cinquenta vagas/noturno), deu-se a abertura do curso de Comunicação Social e de Licenciatura em Geografia. Todo esse processo tem contribuído para que Frutal exerça, cada vez mais, o papel de cidade polo da região.

O Curso de Geografia é a única licenciatura do campus de Frutal e vem desempenhando um importante papel na articulação de saberes e práticas entre a ciência geográfica e a geografia como disciplina escolar. A criação do curso se justificou pela própria escassez de profissionais desta área, verificada no dia a dia das escolas, que se viam diante da situação em que professores de outras áreas do conhecimento ministravam a disciplina. O curso foi criado com duração prevista de três anos, divididos em seis períodos, sendo oferecidas cinquenta vagas no período noturno.



No ano de 2009, o curso passou por uma reestruturação curricular, havendo várias mudanças no projeto pedagógico, de forma que se pudesse atender de modo mais apropriado às necessidades da licenciatura e, conseqüentemente, assegurar a melhoria na qualificação dos futuros docentes. No conjunto das mudanças curriculares, houve a extinção de algumas disciplinas, mais pertinentes a um bacharelado em Geografia, e criação de novas, focando nas discussões de caráter pedagógico. De acordo com os quadros a seguir iremos acompanhar essas mudanças na grade curricular do Curso de Geografia.

<b>Disciplinas</b>	<b>CÓDIGO</b>	<b>CHST</b>	<b>CPH</b>	<b>CHT</b>
Introdução ao Pensamento Filosófico	IPF	02		40
Antropologia	ANTR	02		40
Sociologia	SOC	02		40
Cartografia Geral e Temática	CGT	02	02	80
História do Pensamento Geográfico	HPG	03		60
Português	PORT	03		60
Didática	ID	02		80
<b>Subtotal</b>		<b>16</b>	<b>04</b>	<b>400h/a</b>
Atividades Complementares	AC			40
<b>Total</b>		<b>16</b>	<b>04</b>	<b>373:20'</b>

**Quadro 01 – Primeiro Período – Projeto Pedagógico de 2007**  
**Fonte: MAGALHÃES, 2012.**

<b>Disciplinas</b>	<b>CÓDIGO</b>	<b>CHST</b>	<b>CPH</b>	<b>CHT</b>
Fundamentos da Geologia Aplicada à Geografia	FGAG	01	01	40
Metodologia do Trabalho Científico I	MTC	03	-	60
Estatística Aplicada à Geografia	EAG	01	01	40
Hidrogeografia	DIDR	02	01	60
Geomorfologia	GEO	02	02	80
Conflitos Étnicos, Culturais e Territoriais	ETC	02	-	40
Orientação e Prática de Ensino	PEI	02	02	80
<b>Subtotal</b>		<b>13</b>	<b>07</b>	<b>400</b>
Práticas de Ensino I			-	100
Atividades Complementares	AC	16		40
<b>Total</b>		<b>13</b>	<b>07</b>	<b>473:20'</b>

**Quadro 02 – Segundo Período – Projeto Pedagógico de 2007**  
**Fonte: MAGALHÃES, 2012.**

<b>Disciplinas</b>	<b>CÓDIGO</b>	<b>CHST</b>	<b>CPH</b>	<b>CHT</b>
Climatologia	CLI	02	01	60
Sistema de Informação Geográfica e Banco de Dados	SIGBD	03	-	60
Psicologia da Educação	PSIE	03	01	60
Teoria e Método	TMG	02	01	60
Geografia das Regiões Brasileiras	GRB	03	01	80
Geografia Urbana	GU	03	01	80
<b>Subtotal</b>		15	05	400/a
Prática de Ensino II	<b>PEII</b>			<b>75</b>
Atividades Complementares	AC	-	-	40
<b>Total</b>		15	05	448:20'

**Quadro 03 – Terceiro Período – Projeto Pedagógico de 2007**

Fonte: MAGALHÃES, 2012.

<b>Disciplinas</b>	<b>CÓDIGO</b>	<b>CHST</b>	<b>CPH</b>	<b>CHT</b>
Pedologia	P	02	01	60
Geoprocessamento	GEOP	02	01	60
Gestão de Recursos Hídricos	GRH	02	01	60
Geomorfologia Aplicada a Análise Ambiental	GAAA	02	01	60
Biogeografia	BIO	02	01	60
Geografia Econômica	GE	02	01	60
Orientação de Estágio I	OEI	02	-	40
<b>Subtotal</b>		<b>14</b>	<b>06</b>	<b>400h/a</b>
Prática de Ensino III	PEII		-	75
Atividades Complementares	AC			40
Estágio I				<b>100</b>
<b>Total</b>		<b>14</b>	<b>06</b>	<b>548:20'</b>

**Quadro 04 – Quarto Período – Projeto Pedagógico de 2007**

Fonte: MAGALHÃES, 2012.

<b>Disciplinas</b>	<b>CÓDIGO</b>	<b>CHST</b>	<b>CPH</b>	<b>CHT</b>
Planejamento Ambiental	PA	01	02	60
Educação Ambiental	EA	03	-	60
Geocologia	GECO	02	01	60
Metodologia do Trabalho Científico II	MTCII	03	-	60
Análise de Impactos Ambientais	AIA	02	02	80
Geografia Agrária	GAGR	02	01	60
Orientação de Estágio II	OEII	02	-	40
<b>Subtotal</b>		<b>15</b>	<b>05</b>	<b>400h/a</b>
Prática de Ensino IV	PEIV		-	75
Atividades Complementares	AC			40
Estágio II	<b>ES</b>			<b>150</b>
<b>Total</b>		<b>15</b>	<b>05</b>	<b>598:20'</b>

**Quadro 05 – Quinto Período – Projeto Pedagógico de 2007**

Fonte: MAGALHÃES, 2012.

<b>Disciplinas</b>	<b>CÓDIGO</b>	<b>CHST</b>	<b>CPH</b>	<b>CHT</b>
Sistema Educacional Brasileiro	SEB	02	-	40
Território e Indústria	TI	03	-	60
Organização do Espaço Mundial	OEM	03	-	40
Análise Ambiental	AA	02	02	60
Orientação de Trabalho de Conclusão de Curso	OTCC	03	-	80
Geografia da população	TST	03	-	40
Orientação de Estágio III	OE	02	-	80
<b>Subtotal</b>		<b>18</b>	<b>02</b>	<b>100</b>
Prática de ensino V	PEV	-		75
Estágio III	<b>ES</b>			
<b>Total</b>		<b>18</b>	<b>02</b>	<b>558:20'</b>

**Quadro 06 – Sexto Período – Projeto Pedagógico de 2007**

Fonte: MAGALHÃES, 2012.

Para efeito de comparação, apresentam-se a seguir quadros com as disciplinas e respectivas cargas horárias do Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Geografia, que entrou em funcionamento em 2009, tendo em vista alcançar o objetivo de melhor abordar as questões pedagógicas, fazendo jus à formação de docentes:

<b>Disciplinas</b>	<b>CÓDIGO</b>	<b>CHST</b>	<b>CPH</b>	<b>CHT</b>
Introdução ao Pensamento Filosófico	IPF	02		40
Sociologia	SOC	02		40
Português Instrumental	PORT	03		60
Cartografia	CART	02	02	80
História do Pensamento Geográfico	HPG	03		60
Formação Econômica e Social do Brasil	ESB	02		40
Geografia Humana e Geral	GHG	02		80
<b>Subtotal</b>		<b>16</b>	<b>04</b>	<b>400</b>
Atividades Complementares	C			40
<b>Total</b>		<b>16</b>	<b>04</b>	<b>373:20'</b>

**Quadro 07 – Primeiro Período – Projeto Pedagógico de 2009**

**Fonte:** MAGALHÃES, 2012.

<b>Disciplinas</b>	<b>CÓDIGO</b>	<b>CHST</b>	<b>CPH</b>	<b>CHT</b>
Fundamentos da Geologia Aplicada à Geografia	FGAG	02	01	60
Teoria e Método da Geografia	TMG	02	01	60
Estatística Aplicada a Geografia	EAG	02	01	60
Hidrogeografia	DIDR	02	01	60
Geomorfologia	GEO	02	02	80
Antropologia	ANTRO	02	-	40
História da Educação	HE	03	-	60
<b>Subtotal</b>		<b>13</b>	<b>06</b>	<b>400</b>
Práticas de Ensino I			-	100
<b>Atividades Complementares</b>	AC	16		40
<b>Total</b>		<b>13</b>	<b>06</b>	<b>473:20'</b>

**Quadro 08 – Segundo Período – Projeto Pedagógico de 2009**  
**Fonte: MAGALHÃES, 2012.**

<b>Disciplinas</b>	<b>CÓDIGO</b>	<b>CHST</b>	<b>CPH</b>	<b>CHT</b>
Climatologia	CLI	02	01	60
Cartografia Temática	CT	02	01	60
Didática em Geografia	DG	02	02	80
Metodologia do Trabalho Científico	MTC	03	-	60
Teoria Regional e Regionalização	TRR	03	-	60
Geografia Urbana		02	02	80
<b>Subtotal</b>		<b>15</b>	<b>05</b>	<b>400h/a</b>
Prática de Ensino II	<b>PEII</b>			<b>75</b>
Atividades Complementares	AC	-	-	40
<b>Total</b>		<b>15</b>	<b>05</b>	<b>448:20'</b>

**Quadro 09 – Terceiro Período – Projeto Pedagógico de 2009**  
**Fonte: MAGALHÃES, 2012.**

<b>Disciplinas</b>	<b>CÓDIGO</b>	<b>CHST</b>	<b>CPH</b>	<b>CHT</b>
Pedologia	P	02	01	60
Aerofotogrametria	AEROF	02	-	40
Geografia Cultural	GC	02	-	60
Análise Estrutura do Ensino em Geografia	AEFE	02	02	80
Biogeografia	BIO	02	01	60
Geografia Econômica	GE	02	01	60
Recursos Naturais e Educação Ambiental	RNEA	03	-	60
<b>Subtotal</b>		<b>14</b>	<b>06</b>	<b>400h/a</b>
Prática de Ensino III	PEII	-	-	75
Atividades Complementares	AC	-	-	40
Estágio I	ES	-	-	<b>100</b>
<b>Total</b>		<b>14</b>	<b>06</b>	<b>548:20'</b>

**Quadro 10 – Quarto Período – Projeto Pedagógico de 2009. Fonte: MAGALHÃES, 2012.**

<b>Disciplinas</b>	<b>CÓDIGO</b>	<b>CHST</b>	<b>CPH</b>	<b>CHT</b>
SIG e Banco de Dados	SIG	01	02	60
Educação Especial	EEP	02	01	40
Epistemologia da Geografia	EE	03	-	60
Libras	L	02	-	60
Geoecologia	GE	02	01	60
Geografia Agrária	GAGR	02	01	60
Geografia da População	GP	02	01	60
<b>Subtotal</b>		<b>15</b>	<b>05</b>	<b>400h/a</b>
Prática de Ensino IV	PEIV		-	75
Atividades Complementares	AC			40
Estágio II	<b>ES</b>			<b>150</b>
<b>Total</b>		<b>15</b>	<b>05</b>	<b>598:20'</b>

**Quadro 11 – Quinto Período – Projeto Pedagógico de 2009**

Fonte: MAGALHÃES, 2012.

<b>Disciplinas</b>	<b>CÓDIGO</b>	<b>CHST</b>	<b>CPH</b>	<b>CHT</b>
Análise Ambiental	GEOE	02	01	60
Território, Indústria e Serviços	TIS	03	-	60
Regionalização do Espaço Mundial	REM	03	-	60
Psicologia da Educação	PE	02	01	60
Geografia Regional do Brasil	GRE	02	-	40
Planejamento Educacional	PE	03	-	60
Geopolítica e Geografia Política	GP	02	01	60
<b>Subtotal</b>		<b>18</b>	<b>02</b>	<b>400h/a</b>
Prática de ensino V	PEV	-	-	75
Estágio III	<b>ES</b>	-	-	<b>150</b>
<b>Total</b>		<b>18</b>	<b>02</b>	<b>558:20'</b>

**Quadro 12 – Sexto Período – Projeto Pedagógico de 2009**

Fonte: MAGALHÃES, 2012.



A análise dos quadros permite perceber que, no Projeto Pedagógico de 2009, foram eliminadas as disciplinas de Geoprocessamento, Geografia das Regiões Brasileiras, Conflitos Étnicos, Culturais e Territoriais, Metodologia do Trabalho Científico I e Geomorfologia Aplicada à Análise Ambiental, Organização do Espaço Mundial, Gestão de Recursos Hídricos, Planejamento Ambiental, Sistema Educacional Brasileiro, Orientação de Trabalho de Conclusão de Curso. Sendo criadas as disciplinas de História da Educação, Educação Especial, Libras, Aerofotogrametria, Análise e Estrutura do Ensino em Geografia, Epistemologia da Geografia, Formação Econômica e Social do Brasil, Planejamento Educacional, tendo em vista valorizar a formação e qualidade dos futuros docentes e deixar o curso mais direcionado para a licenciatura.

Deve-se ressaltar ainda que é por meio da disciplina de Estágio Supervisionado que se dão os primeiros contatos do discente com a prática da futura profissão e com o enfrentamento dos grandes desafios que envolvem a educação no cotidiano das escolas. Na primeira vez que se entra na sala de aula é comum que os estagiários se sintam inibidos e

inseguros, com dificuldade para desenvolver o trabalho, para coordenar a sala de aula, para administrar o tempo em meio a várias atividades que necessita desenvolver.

O Estágio permite, pois, a quase sempre árdua e tensa transição da teoria para prática, sendo, evidentemente, fundamental para o processo de formação dos profissionais da educação. Esse exercício proporciona, dentre outras coisas, a discussão dos procedimentos metodológicos e estratégias de ensino-aprendizagem, de como aprender a articular a geografia teórica com a prática dentro da escola. Em suma, e mais profundamente, como romper com a mesmice e transformar as aulas de Geografia numa experiência rica e criativa no cotidiano escolar.

Muitas vezes, os estagiários encontram resistência por parte dos profissionais da escola. Sua presença pode se tornar incômoda, ao tornar evidente a dificuldade em se desenvolver a docência na sociedade atual. O professor, já excessivamente cobrado e responsabilizado pela sociedade em geral, pode perceber o estagiário como alguém que está ali para avaliar e criticar o seu trabalho apenas. Existem também queixas de que a presença de um “elemento

estranho” torna os alunos ainda mais agitados, dificultando a disciplina e a concentração em sala de aula.

Por isso, é importante que a universidade esteja em diálogo com a escola, para que os profissionais se sintam parceiros na formação dos novos docentes, enfatizando sempre que o objetivo principal deve ser o aprimoramento da educação, numa perspectiva crítica, mas nunca desrespeitosa em relação aos professores que já enfrentam problemas de toda sorte na sociedade brasileira. Esclarecidas as condições, os alunos estagiários e professores deverão ficar mais à vontade em sala de aula, podendo até atuar em colaboração.

Foi justamente através da disciplina de Estágio Supervisionado que pude perceber a grande dificuldade dos professores de Geografia em conseguir correlacionar teoria e prática, ou seja, em fazer com que os alunos descubram o conhecimento geográfico para além dos livros didáticos. Tais dificuldades estão associadas, muitas vezes, à deficiência do projeto político pedagógico da escola ou ainda à falta de estrutura e de recursos materiais e pedagógicos necessários.

Conteúdos trabalhados apenas de forma tradicional pelo professor não são assimilados pelos alunos, havendo então a necessidade de buscar alternativas que possam aprimorar as aulas, que serão, então, de maior qualidade. A partir de minha experiência durante o Estágio Supervisionado pude perceber que a produção de maquetes pode ser usada como complemento ou como estratégia principal, de diferentes formas: seja apresentada passo a passo, através de slides, seja a maquete real – com isso os alunos terão a oportunidade não só de visualizar, mas também de tocar no trabalho, tornando o objeto de estudo algo palpável, próximo de seus sentidos, em outras palavras, portador de significado para o universo em que se inserem os alunos.

Embora não se trate de um recurso novo, a produção de maquetes revela-se importante para promover efetivas aprendizagens, uma vez que proporciona a almejada relação entre teoria e prática, com a vantagem de promover o lúdico e a criatividade. Ou seja, as maquetes possibilitam a experimentação e a visualização da configuração de forma que possam ser concretizados contextos abordados em sala de aula. Todo o processo de elaboração e escolha dos materiais envolve

experiência e tentativas que contribuem para essa etapa intuitiva. Mas claro que as maquetes devem ser pensadas de forma articulada com a proposta pedagógica da escola, coletiva e permanentemente (re)construída. Este trabalho pode contribuir para o ensino de forma satisfatória, levando assim os alunos a visualizarem, dentre outros, os objetos na paisagem. “Assim, a maquete é um recurso didático útil para fornecer ao aluno e a todas as pessoas interessadas na organização do espaço [...]” (TRINDADE; BECKER, 2012, p. 2). Passarei, a seguir, ao relato pormenorizado de minha experiência no Estágio Supervisionado.

### **3 - O trabalho com maquetes no ensino de geografia: relato de uma experiência**

No ano de 2012, iniciei a realização do Estágio Supervisionado III na Escola Estadual Vicente Macedo, no período em que toda a equipe escolar estava envolvida com o planejamento e realização de uma feira do conhecimento de caráter interdisciplinar, intitulada Encantos do Cerrado. Cada área do conhecimento ficou responsável pela criação de uma sala temática relacionada ao Cerrado. A professora de História do terceiro ano do Ensino Médio decidiu, juntamente com os alunos, montar um trabalho que retratasse o povoamento da cidade de Frutal, uma vez que o tema que lhe fora atribuído eram Os Povoadores do Cerrado. Considerando que Frutal integra este Domínio, seria pertinente fazer uma abordagem da realidade mais próxima dos alunos.

Nesse momento, tendo tomado conhecimento de que eu tivera alguma experiência com a montagem de maquetes durante o Curso de Geografia, e que os resultados foram satisfatórios, a professora me convidou para aproveitar o Estágio e

desenvolver um trabalho diretamente com os alunos, aliando minha experiência com a incipiente atividade docente. Fiquei muito feliz e me senti à vontade para assumir o compromisso, pois sabia que era uma ótima oportunidade para empreender uma prática pedagógica mais criativa. Além do mais, a temática permitiria também a descoberta, pelos alunos, do espaço geográfico como algo que faz parte de suas vidas, não se tratando apenas de assunto de livros didáticos.

O convite foi efetivado pela professora Lucia Brito e pelo grupo de alunos que ficaria diretamente responsável pela montagem da maquete ainda no mês de julho. Embora a atividade estivesse prevista para os dias 29 e 30 de outubro, no quarto bimestre letivo, sabendo que tudo seria muito trabalhoso – pois implicaria em pesquisa em livros e mapas, trabalho de campo, produção de imagens e, finalmente, a confecção das maquetes –, decidi agir rápido. Marquei a primeira reunião com os alunos e definimos conjuntamente as regras pelas quais nos guiaríamos. A dedicação e envolvimento de todos os integrantes do grupo seriam fundamentais.

A professora Lucia ficou responsável por providenciar os livros e demais materiais, incluindo

fotografias, que permitissem conhecer as características do povoamento da localidade. A mim, caberia organizar o trabalho de campo, com visita aos pontos a partir dos quais se originou a nucleação urbana de Frutal. Somente depois desta etapa é que iríamos iniciar a produção da maquete, que se daria em minha própria casa, uma vez que ficou acordado que manteríamos o trabalho em sigilo, pois haveria premiação aos trabalhos vencedores e queríamos surpreender a comunidade escolar.

Nessa primeira reunião, também foram considerados o tempo e custo do trabalho. Mesmo que usássemos materiais mais baratos, seria necessário recorrer a patrocínio. Assim, outra etapa deveria incluir a formação de comissão para busca de parcerias juntos aos comerciantes locais.





**Figura 01** - Materiais utilizados na produção das maquetes.

**Fonte:** GOMES, 2012.

No dia 14 de julho, numa manhã de sábado, de posse de máquinas fotográficas, caneta e caderno, realizamos nosso primeiro trabalho de campo, das 13 às 17h30min.



**Figura 02** – Visita da equipe ao antigo Cine Canaã.

**Fonte:** GOMES. 2012.

O objetivo foi visitar o centro da cidade, observar detalhes das construções mais antigas, fotografar, discutir quais construções deveríamos inserir na maquete. Foi uma experiência inesquecível, pois os alunos me fizeram sentir um prazer enorme pelo trabalho. Quando fui a campo com eles, tive a certeza de que estava no caminho certo. Buscava questioná-los sobre detalhes

observados para pensarmos juntos como retratar tudo aquilo no trabalho final. Tratava-se muito mais do que identificar os objetos da paisagem, mas também de discutir a forma como a cidade se formou, como os prédios representativos do poder foram sendo erigidos e posicionados no espaço urbano, que nunca é neutro, mas resulta sempre da intervenção dos sujeitos sociais.

Os alunos ficaram muito estimulados e não viram a hora passar. O contato com o grupo naquele dia foi muito significativo e me permitiu perceber as diferenças entre eles, o que me ajudaria na definição de como orientar as atividades. Tudo tinha um sentido de descoberta. Por parte dos alunos, percebi que ficaram encantados com o que viram, pois, mesmo sendo da cidade, não haviam observado, tanto quanto naquele dia, os detalhes da paisagem urbana de Frutal; não haviam ainda se questionado onde a cidade teria começado; quando, como e por que as alterações teriam ocorrido e o que restara das paisagens anteriores.

Feitos os levantamentos necessários, as leituras e observações de fotografias antigas da cidade, realizamos o primeiro encontro para a construção da maquete no dia 21 de julho. Nesse dia,

pude apresentar os meninos ao universo da produção artesanal. Depois disso, ainda visitamos os pontos da cidade que seriam reconstruídos pelas maquetes. Era fácil ver no olhar dos alunos o quanto eles tinham vontade e curiosidade de saber e conhecer este trabalho melhor. A curiosidade aumentava a cada olhar e muitas perguntas e questionamentos eram feitos a todo instante. Era preciso atentar com precisão para cada detalhe: casas, árvores, prédios pequenos ou grandes, bancos da praça, luminárias, postes, telhados, etc. Explicava que a construção da maquete seria um trabalho delicado, envolvendo inclusive o uso de pinça. Era necessário ter certa noção de escala, para calcular dimensões e proporções, além de conhecimento histórico e geográfico. O saber estava saindo dos livros e ganhando vida na (re)descoberta da cidade.

Durante as aulas, a professora Lucia usava parte do tempo para questioná-los sobre as leituras e explicava a formação socioespacial de Frutal. Na minha casa, no período da tarde (pois estudavam de manhã) e aos finais de semana, reconstruíamos o centro da cidade em miniatura. Fotos eram espalhadas sobre mesa. Com uso de uma lupa, identificávamos os detalhes que seriam retratados,

eram definidos os materiais mais adequados, feitos os moldes em escala e, finalmente, começavam a produção propriamente dita das maquetes.



**Figura 03 – Produção das maquetes**  
**Fonte: GOMES, 2012.**

Enquanto isso, a comissão responsável pelo patrocínio, formada por parte dos alunos – que, às vezes, revezavam – visitava o comércio e pedia colaboração. O trabalho de produção das maquetes

propriamente ditas exigia concentração e observação de detalhes. Os alunos mostraram-se envolvidos em todas as etapas do trabalho e se alegravam a cada peça que ficava pronta. Aos poucos surgiam prédios que representavam a organização do poder político, religioso, econômico: o espaço representando a diferença de classes sociais.



Figura 03 – Trabalho de acabamento das maquetes  
Fonte: GOMES, 2012.

Finalmente chegou o dia da exposição. A expressão de surpresa e encantamento dos visitantes face ao empenho dos alunos para explicar o conteúdo e a forma com que o trabalho fora produzido, num esforço diuturno da parte de todos os envolvidos, justificou todo o procedimento. Os alunos foram

avaliados com nota máxima, por uma comissão externa à escola, em todos os critérios considerados.



Figura 04 - Exposição das maquetes na Feira Encantos do Cerrado  
Fonte: GOMES, 2012.

A produção das maquetes revelou-se muito mais que um trabalho artístico e criativo. Representou a possibilidade de sair da rotina, descobrir a história e o espaço urbano da cidade, transformar em paisagem reconstruída em miniatura as paisagens demolidas pelo “progresso” da cidade. Foi uma forma dos alunos se apropriarem do saber, assumirem a construção do conhecimento como algo significativo em suas vidas.

Existem, portanto, várias formas de ensinar. Os livros didáticos são apenas uma opção, dentre as várias possíveis. Perceber os alunos se descobrindo

como sujeitos que constroem e reconstroem o espaço foi uma experiência ímpar em minha vida, que transformou o Estágio Supervisionado, que para muitos é enfadonho, num dos momentos mais gratificantes do Curso de Geografia. Pude confrontar teoria e prática e participar de um evento em que a aprendizagem ocorreu de forma efetiva, muito além dos muros da escola.



## **Considerações finais**

Diante das constantes queixas dos profissionais da educação quanto ao desinteresse dos jovens pela escola, é indispensável que o debate sobre a formação docente considere a importância de se repensar as estratégias pedagógicas. A escola necessita fazer-se significativa na vida dos educandos. Não basta se atualizar do ponto de vista das tecnologias da informação e da comunicação. Embora este ponto seja importante, também é fundamental que a escola se torne um espaço de construção do saber com a participação de múltiplos sujeitos: professores e alunos assumindo o papel de construtores do conhecimento e não meros reprodutores.

Nesse sentido, a Geografia revela-se um campo privilegiado, pois pode oportunizar que o aluno descubra o espaço geográfico em seu próprio entorno e, além disso, descubra-se como um ator que participa permanentemente da construção e reconstrução deste espaço.

Este trabalho teve como objetivo relatar, de forma resumida, uma instigante experiência pedagógica desenvolvida no Estágio Supervisionado.

A partir da discussão sobre a importância do conhecimento geográfico na perspectiva crítica para a formação do aluno, foi realizado um levantamento sobre a estruturação do Curso de Licenciatura em Geografia da UEMG, campus de Frutal, com vistas a melhor qualificar os futuros profissionais para o exercício da docência. Dessa forma, ressaltou-se a relevância dos estágios como primeiro contato do licenciando com a realidade escolar onde deverá atuar.

Sem negar os problemas e dificuldades enfrentados pelos professores atualmente na sociedade brasileira, procurou-se evidenciar que outros caminhos são possíveis para fomentar aprendizagens. Embora a produção de maquetes não seja algo novo nem exclusivo do ensino da Geografia, pela experiência relatada, provou ser ainda um método valioso, sobretudo pela possibilidade do aluno se sentir o próprio construtor de seu espaço, de partir da teoria para a prática, de tornar-se um atento observador de sua realidade, despertando para as diversas tramas envolvidas na transformação das paisagens urbanas.

Em suma, espera-se, com este trabalho, ter contribuído não só para a melhor formação dos

alunos que participaram da concepção e construção das maquetes, mas também que os profissionais da educação sintam-se estimulados para um exercício da docência plenamente rico de sentidos – o que, em última instância, representa assumir a luta política pela valorização da educação em nossa sociedade.

## Referências bibliográficas

ALMEIDA, Neire Márcia Cunha; PEREIRA, Maria Luísa Santos. **Os parâmetros curriculares nacionais e a geografia**. IN: II Simpósio Regional de Geografia “Perspectivas para o Cerrado no século XXI”. Uberlândia: 2003. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/18806063/Pcn-e-a-Geografia>>. Acesso em 28 out. 2013.

BRAGA, Maria Margarete Sampaio de Carvalho. **Elementos de análise presentes no pensamento de Paulo Freire: Por um currículo crítico-transformador**. IN: 32ª Reunião Anual da ANPED (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação). Caxambu: 2009. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/arquivos/posteres/GT12-5675--Int.pdf>>. Acesso em: 28 out. 2013.

CAMARGO, José Carlos Godoy; REIS JÚNIOR, Dante Flávio da Costa. A filosofia (neo)positivista e a Geografia Quantitativa. IN: COSTA, Fábio Rodrigues da; ROCHA, Márcio Mendes. **Geografia: Conceitos e paradigmas – apontamentos preliminares**. Revista Geomae. V.1 N. 2, p. 25-56, 2010.

GUARNIERE, Maria Regina. *Aprendendo a Ensinar: O Caminho Nada Suave da Docência*. Editora: Autores associados. s/d.

KIMURA, Shoko. *Geografia no Ensino Básico*. São Paulo, Editora Contexto, 2008. *In*

SANTOS, Ricardo Menezes. **A Geografia crítica em sala de aula: reflexões a partir do ensino da questão agrária brasileira**. IN: V Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade”. Sergipe: 2011. Disponível

em:<<http://www.educonufs.com.br/>> Acesso em: 28 out. 2013.

LOMBARDO, Magda Adelaide; CASTRO, José Flávio Morais. **O uso de maquete como recurso didático**. IN: Anais do II Colóquio de Cartografia para Crianças. Belo Horizonte: 1996. Disponível em <<http://www.macprojetos.com.br/index.php?o-uso-de-maquete-como-recurso-didatico>> Acesso em 29 out. 2013.

MAGALHÃES, Cíntia Fernandes Omoto. **Formação de professores de geografia na perspectiva da educação inclusiva**. Monografia (Licenciatura em Geografia). Universidade do Estado de Minas Gerais, Frutal, 2012.

OLIVEIRA, Divino José Lemes de; CHAGAS, Frank Luiz Rosa; ALVES, Washington Silva. **Reflexão sobre o ensino de geografia:** a importância e as dificuldades de ensinar geografia. IN: II Congresso de Educação – A formação de professores: uma proposta de pesquisa a partir da reflexão sobre a prática docente. Iporá: 2012. Disponível em:

<[http://www.cdn.ueg.br/arquivos/ipora/conteudoN/974/CE\\_2012\\_13.pdf](http://www.cdn.ueg.br/arquivos/ipora/conteudoN/974/CE_2012_13.pdf)>. Acesso em 29 out. 2013.

OLIVEIRA, Márcio Serqueira de. **Maquete estrutural:** “Um instrumento para o ensino de estrutura em escolas de maquete”. IN: Congresso Latino Americano da Construção Metálica (Construmetal), 2006. Disponível em: [www.construmetal.com.br](http://www.construmetal.com.br). Acesso em: 29 out. 2013.

SANTOS, Clézio. **A Construção e o uso da maquete da baixada santista no ensino de geografia.** IN: ENPEG - Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia. Porto Alegre: 2009. Disponível em <http://www.repositorium.fsa.br:8080/repositorio/handle/10663/33> Acesso em 29 out. 2013.

SANTOS, Ricardo Menezes. **A Geografia crítica em sala de aula:** reflexões a partir do ensino da questão agrária brasileira. V Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade”. Sergipe: 2011. Disponível em: <<http://www.educonufs.com.br/>>. Acesso em: 28 out. 2013.

TANAKA, Juliana Emy Carvalho. O Espaço em Kant e suas contribuições na definição do conceito de região. *In:* GODOY, Paulo R. Teixeira.(org.). **História do pensamento geográfico e epistemologia em Geografia**. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica: 2010.

TOMITA, Luzia. M. Saito. Trabalho de campo como instrumento de ensino em Geografia. GEOGRAFIA: Revista do Departamento de Geociências, Londrina, v. 8, n. 1, p. 13-15, jan./jun. 1999 *In* SILVA, Kássia Nunes; ALVES, Lidiane Aparecida; LOPES, Michelly de Lourdes. **A importância de se praticar o trabalho de campo na ciência geográfica**. Revista Eletrônica de Ciências Humanas, Letras e Artes: A Margem Revista. Uberlândia: 2008, p. 10-19. Disponível em: [www.mel.ileel.ufu.br](http://www.mel.ileel.ufu.br). Acesso em: 28 out. 2013.

TOSO JÚNIOR, Reinaldo. **Alguns aspectos da educação profissional, a alteridade e métodos:**

**uma proposta, um pensamento.** Disponível em: <http://fatecindaiatuba.edu.br>. Acesso em: 29 out. 2013.

TRINDADE, Fernanda; BECKER, Elsbeth Léia Spod. **Relevo do Brasil**. Laboratório de Cartografia da Unifra. Santa Maria: 2012. Disponível em: <<http://www.unifra.br/eventos/sepe2012/Trabalhos/5295.pdf>>. Acesso em 29 out. 2013.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro (Org.). **Repensando a didática**. 21. Ed. Campinas: Papyrus, 2004.



**ANEXO – Relação de materiais utilizados.**

<b>Lista de materiais utilizados</b>	<b>Quantidade (aproximada)</b>
Alfinetes	2caixa
Alicate	1 unidade
Apontador	1 unidade
Bisnaga de cola quente	10 unidades
Balde	1 unidade
Barbante	1 rolo pequeno
Borracha	1 unidade
Caneta preta	1 unidade
Canetinha	2 unidades
Camudo de cola quente	100 unidades
Chave de fenda	1 unidade
Clips	30 unidades
Colher	3 unidades
Compasso	1 unidade
Copo descartável	30 unidades
Espuma picada	1 prato
Estilete	3 unidades
Estojo com bicos diferentes para decoração	1unidade /5 bicos
Folha de madeira	1/30m
Fita adesiva	3 unidades
Grampeador	1unidades
Lápis 6b	3unidades
Lápis comum	1unidade
Esquadro de ferro	3/8(barra)
Tinta crelex	5 unidades
Lupa	1unidade
Luva	16 pares
Marcador de texto	1 unidade
Máscara respiratória	9 unidades
Massa corrida	3 latas pequenas
Palito de dente	1 caixa
Palito de sorvete	50 unidades
Papel carbono	11 folhas
Papel celofane	3 unidades
Papel seda	15 folhas
Papel vegetal	½ metro
Pinça	1 unidade
Pincéis	5 unidades

Pistola de cola quente	2 unidades
Placa de isopor	50 placas
Régua	6 unidades
Tesoura	4 unidades
Tinta de parede para pintura	1 lata pequena
Tinta guache	3 unidades
Tinta xadrez	6 unidades